

O PLANO DE EDUCAÇÃO POPULAR / 1953

Realização: Orlando Vitorino e Azinhal Abelho / **Argumento:** Henrique Veiga de Macedo / **Fotografia:** Aquilino Mendes / **Som:** Heliodoro Pires / **Locução:** Raul Feio / **Laboratório:** Ulyssea Filme / **Estúdios:** Cinelândia / **Produção:** Produções Bohemia para a Campanha Nacional de Educação de Adultos (CNEA) / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 16mm, pb, sonora, versão original sem legendas – depositada em 2000 por Henrique Veiga de Macedo / **Duração:** 13 minutos.

FÁBULA DA LEITURA / 1953

Realização: Orlando Vitorino e Azinhal Abelho / **Argumento:** Henrique Veiga de Macedo / **Fotografia:** Aquilino Mendes / **Som:** Augusto Lopes / **Música:** Belo Marques / **Laboratório:** Ulyssea Filme / **Produção:** Produções Bohemia para a Campanha Nacional de Educação de Adultos (CNEA) / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 16mm, pb, sonora, versão original sem legendas – depositada em 1986 pela Direcção-Geral de Educação de Adultos / **Duração:** 10 minutos.

BOM DIA, SENHORA PROFESSORA! / 1954

Realização: Fernando Garcia / **Assistente de realização:** Miguel Spiguel / **Argumento:** Azinhal Abelho / **Fotografia:** João Moreira / **Som:** Heliodoro Pires / **Produção:** Fernando Mascarenhas para a Campanha Nacional de Educação de Adultos (CNEA) / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 16mm, pb, sonora, versão original sem legendas – depositada em 1992 pela Universidade Internacional da Terceira Idade / **Duração:** 23 minutos.

O ZÉ ANALFABETO NA VIDA CORRENTE / 1952

Realização, planificação e montagem: Carlos Marques / **Assistente de realização:** Carlos Filipe Ribeiro / **Argumento:** Felipe de Solms / **Fotografia:** João Moreira / **Assistente de montagem:** Fernanda Santos / **Som:** Enrique Dominguez / **Caracterização:** / Aguiar de Oliveira / **Produção:** Felipe de Solms para a Campanha Nacional de Educação de Adultos (CNEA) / **Interpretação:** Vasco Santana (Zé Analfabeto), Maria Olguim (Enfermeira) / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 35mm, pb, sonora, versão original sem legendas – preservada em 2005 a partir do negativo de imagem e som originais / **Duração:** 4 minutos.

O ZÉ ANALFABETO FAZ EXAME / 1952

Realização, planificação e montagem: Carlos Marques / **Assistente de realização:** Carlos Filipe Ribeiro / **Argumento:** Felipe de Solms / **Fotografia:** João Moreira / **Assistente de montagem:** Fernanda Santos / **Som:** Enrique Dominguez / **Caracterização:** / Aguiar de Oliveira / **Produção:** Felipe de Solms para a Campanha Nacional de Educação de Adultos (CNEA) / **Interpretação:** Vasco Santana (Zé Analfabeto), Fernando Pessa (examinador) / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 35mm, pb, sonora, versão original sem legendas – preservada em 2005 a partir do negativo de imagem e som originais / **Duração:** 4 minutos.

O ZÉ JÁ NÃO É ANALFABETO / 1952

Realização, planificação e montagem: Carlos Marques / **Assistente de realização:** Carlos Filipe Ribeiro / **Argumento:** Felipe de Solms / **Fotografia:** João Moreira / **Assistente de montagem:** Fernanda Santos / **Som:** Enrique Dominguez / **Caracterização:** / Aguiar de Oliveira / **Interpretação:** Vasco Santana (Zé Analfabeto) / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 35mm, pb, sonora, versão original sem legendas – preservada em 2005 a partir do negativo de imagem e som originais / **Duração:** 4 minutos.

CONFISSÕES DE UM ANALFABETO / 1953

Realização, planificação e montagem: Carlos Marques / **Assistente de realização:** Carlos Filipe Ribeiro / **Argumento:** Felipe de Solms / **Fotografia:** João Moreira / **Assistente de montagem:** Fernanda Santos / **Som:** Enrique Dominguez / **Caracterização:** / Aguiar de Oliveira / **Interpretação:** Vasco Santana (Zé Analfabeto) / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 35mm, pb, sonora, versão original sem legendas – preservada em 2005 a partir do negativo de imagem e som originais / **Duração:** 9 minutos.

A LUTA DO POVO – ALFABETIZAÇÃO EM SANTA CATARINA / 1976

Realização: Grupo Zero / **Produção:** Grupo Zero para a Direcção-Geral de Educação Permanente / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 16mm, pb, sonora, versão original sem legendas – preservada em 2004 a partir do negativo de imagem e som originais / **Duração:** 29 minutos

A sessão Abrir os Cofres deste mês complementa as preservações recentes de alguns filmes da série “Zé Analfabeto” com outras produções da Campanha Nacional de Educação de Adultos (CNEA). Esta iniciativa do Estado Novo, lançada em 1952 como parte do Plano de Educação Popular (PEP), procurou combater o analfabetismo da esmagadora maioria da população portuguesa dirigindo-se tanto a crianças em idade escolar como a adultos e recorrendo tanto a medidas extraordinárias do sistema de ensino estatal como ao cinema como meio pedagógico*. A utilização do cinema como auxiliar educativo tinha antecedentes em diversos países europeus desde pelo menos as décadas de vinte e trinta, data dos primeiros projectos de “cinema educativo”, isto é, da introdução do cinema como novo instrumento do professor na sala de aula. À semelhança de outros, o projecto de “cinema educativo” português (1932) previa a realização de novos filmes e a compra de outros já existentes para serem usados nas escolas, ao mesmo tempo que organizava a logística da circulação e projecção desses filmes por todo o país (em formato 16mm, simultaneamente mais barato e mais seguro porque não-inflamável). Este projecto nunca foi posto em prática.

Ao contrário do projecto de 1932, a CNEA foi efectivamente posta em prática, durante um período de quatro anos, sempre sob supervisão de Henrique Veiga de Macedo, subsecretário de Estado do Ministério da Educação Nacional (autor do argumento de vários dos cerca de 40 filmes então produzidos e depositante de algumas dessas obras na colecção da Cinemateca em 2000), e ainda de Afonso Botelho, director dos serviços centrais de cinema da CNEA. Entre os realizadores da produção própria da CNEA contam-se João Mendes, Carlos Marques, Orlando Vitorino, Azinhal Abelho e Fernando Garcia. Concretizando as intenções do legislador de 1932, a CNEA complementou a sua “filmoteca” de produções próprias com um conjunto de filmes didácticos e culturais comprados, na sua maioria, no estrangeiro. Uns e outros foram exibidos no contexto de missões culturais itinerantes com recurso a material de projecção portátil e ainda no circuito de salas de cinema comercial do país. Procurava-se assim completar o alcance das iniciativas junto de populações urbanas, perto das quais se concentrava a maioria das salas do país, com as populações rurais onde o cinema só chegava naquela modalidade “ambulante” ou “itinerante”. O primeiro filme desta sessão apresenta as linhas gerais do PEP e nele podemos ver imagens raras das carrinhas da CNEA com equipamento de projecção portátil. Em 1955, parecem ter existido 25 destas “unidades móveis” da CNEA.

A utilização do cinema pela CNEA apresentava, porém, uma diferença fundamental em relação aos objectivos do projecto de “cinema educativo” de 1932. Ao contrário daquele, a CNEA não tinha a pretensão de contribuir para a alfabetização *efectiva* das populações junto das quais intervieram. Os filmes da CNEA limitavam-se a propagandear as vantagens e a conveniência da alfabetização, o que faziam através de uma estigmatização social e cultural directa e muitas vezes violenta dos analfabetos. Afinal, as “missões culturais” em ambiente rural com recurso aos equipamentos móveis tinham por definição uma natureza extraordinária e uma duração efémera. Os filmes tinham, por isso, apenas o objectivo de despertar nas populações o desejo de aprender que outras componentes da CNEA se encarregariam de satisfazer de forma mais sustentada. **Bom Dia, Senhora Professora!** faz esse apelo ao mesmo tempo que deixa entrever a articulação do sistema de ensino tradicional com a CNEA. Relato na primeira pessoa de uma professora citadina colocada numa aldeia para ensinar tanto as crianças como os adultos, quando surge a CNEA, este filme aborda ainda de modo transversal questões de educação sanitária e de higiene, preocupações também na agenda da CNEA

* Sobre a utilização do cinema pela CNEA e pelo PEP, ver Cristina Barcoso, *O Zé Analfabeto no cinema. O Cinema na Campanha Nacional de Educação de Adultos de 1952 a 1956* (Lisboa: Educa, 2002).

e que originaram variadíssimos outros filmes especificamente sobre esses assuntos (na programação desta sessão privilegiámos filmes especificamente sobre alfabetização). O protagonismo da professora demonstra as ambiguidades do projecto da CNEA, destinado tanto aos agentes de ensino e à auto-promoção do projecto junto das populações letradas urbanas como às populações que devia cativar – o drama individual da professora é um drama de um letrado urbano, não de um analfabeto rural. **Fábula da Leitura** é outro típico filme de apelo à alfabetização, embora seja um objecto absolutamente atípico no contexto da produção da CNEA pelo modo como esse apelo é feito. Em lugar da argumentação pragmática e da violência psicológica da série “Zé Analfabeto”, aspectos presentes na generalidade da produção própria da CNEA, **Fábula da Leitura** persuade pelo ambiente de conto infantil e pela narração em lenga-lenga que conta a emancipação pela educação experimentada por uma criança, no que é também a mais directa encenação do carácter paternalista de toda a produção cinematográfica da campanha.

A série “Zé Analfabeto” é talvez o conjunto de filmes da CNEA que mais claro torna as ambiguidades destes apelos à alfabetização e à emancipação social feitos por um regime autoritário, bem como as contradições ou os equívocos entre público, realizadores e ideólogos da CNEA e do PEP. Toda a série é protagonizada por Vasco Santana que, segundo declarou em 1990 o realizador Carlos Marques, terá contribuído em muito não só para a caracterização da personagem do “Zé”, mas também para as várias estratégias narrativas e “gags” cómicos da série. Os filmes têm uma sequência cronológica que se reproduz ao longo da série mas também em cada um dos filmes individualmente. Com efeito, cada filme está organizado como uma palestra do Zé, num momento em que já não é analfabeto, lembrando em *flash-back* algumas das coisas que lhe aconteceram quando ainda era analfabeto. Todos os filmes se concluem regressando ao Zé alfabetizado com a lamentação “as vergonhas que eu passei quando era analfabeto!...”, culminar da surpreendente estratégia de violência simbólica que se exerce sobre a larga faixa de população que o filme pretende afinal cativar. Ao longo da série, o “Zé” cansa-se das “vergonhas”, decide frequentar a escola, faz exame e torna-se finalmente alfabetizado. É importante notar que toda a série se passa em ambiente urbano – numa cidade não necessariamente reconhecível como Lisboa porque todos os filmes foram rodados no complexo de estúdios da Lisboa Filme. A retórica das vantagens da alfabetização parece então encontrar um constrangimento geográfico: é preciso saber ler, escrever e contar *apenas se quisermos viver na cidade*. Podemos perguntar-nos então se a série não terá um efeito contraproducente, involuntário ou não, dissuasor da migração interna do campo para a cidade que então marcava profundamente a demografia portuguesa. Não deixava a série entender, pelo menos indirectamente, que quem ficasse no campo não tinha razões para aprender a ler?

Fechamos a sessão com uma preservação recente da Cinemateca, um filme do pós-25 de Abril, **Luta do Povo – Alfabetização em Santa Catarina**, realizado pelo grupo de técnicos e realizadores que fundou a cooperativa Grupo Zero (entre os quais se encontravam Alberto Seixas Santos, Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo). O contraste deste filme com os anteriores e nomeadamente com **Bom dia, Senhora Professora!** é proveitoso. Naquele, apenas tinha voz a professora, protagonista do filme, que vai relatando em *off* todas as dificuldades que enfrentou, desde a chegada à aldeia até conquistar a confiança dos alunos e dos seus pais, desde a sua recepção como estranha até à sua integração como mais-valia da vida aldeã (saudada respeitosamente com a expressão que intitula o filme). Em **Luta do Povo**, apenas os alunos têm voz e é um deles, Alfredo, o protagonista do filme – da narração em *off* da professora passamos, vinte anos depois, às declarações em som directo dos alunos. A **Luta do Povo** não é em rigor um auxiliar educativo de uma campanha de alfabetização, nem documenta exactamente a campanha de alfabetização senão nos seus resultados, como o faziam os filmes da CNEA. Procura, isso sim, demonstrar como a alfabetização do pós-25 de Abril se faz ao mesmo tempo que a formação cívica e política das populações, como a leitura é ensinada ao mesmo tempo que a consciência de classe. O objectivo de Alfredo não é deixar de passar vergonhas por não saber ler e escrever, como o Zé de Vasco Santana, mas sim assinar o seu próprio nome no momento da legalização notarial da cooperativa da sua aldeia.